

PERMISSÃO PARA
SONHAR

CHRIS
GARDNER
E
MIM EICHLER RIVAS



ALTA LIFE
EDITORA

Rio de Janeiro, 2022

SUMÁRIO

Prefácio: Hora Atômica — O Presente de Holly	1
Um: Nosso Maior Produto de Exportação	11
Dois: Um Dia...	27
Três: Uma Ferrovia Subterrânea	45
Quatro: O Poder do Um	75
Cinco: Vire o Jogo	99
Seis: Um Projeto para Sua Vida	117
Sete: Habilidades de Primeira Linha	137
Oito: A Reputação, o Rap e o Rolodex	161
Nove: Isso Já Foi Feito Antes	177
Dez: Uma Vida Prodigiosa	187
Epílogo: Escove os Dentes e Mude Sua Vida em Dois Dias	199
Fontes	205

UM

NOSSO MAIOR PRODUTO DE EXPORTAÇÃO



Uma gaita de primeira linha — foi o suficiente para mudar minha vida em dois dias.

Foi há alguns anos, em uma manhã de inverno em Chicago, tão fria que deve ter quebrado todos os recordes. Apesar do sinistro céu acinzentado e do vento cortante, minha neta, Brooke, e eu nos aventuramos na chuva gelada, já misturada com neve fina, para que eu pudesse cumprir a promessa de lhe presentear com a gaita dos seus sonhos.

Sim, uma gaita. *Dos seus sonhos.*

Brooke, na época com nove anos, parece ter chegado a este mundo com uma sabedoria misteriosa e às vezes enervante. Esse

atributo é muito comum em netos primogênitos, segundo me disseram. Outra característica típica é que eles podem ser as únicas pessoas do planeta que acreditam que você é um SUPER-HERÓI de verdade!

Minha neta, Ursinha, pensa que eu, Vovô Urso (como ela me chama), sou o Pantera Negra! Quem sou eu para discutir?

Brooke havia testado sua tese alguns anos antes. No processo, aprendi — ou reaprendi — algo sobre como cada um de nós pode buscar a felicidade de forma ativa, simplesmente fazendo um test drive dos nossos sonhos.

* * *

“Vovô Urso, tem um minuto?”, Brooke começara nossa conversa ao telefone com a cadência suave e melodiosa de uma criança de sete anos. Ela raramente ligava quando eu estava viajando, então desconfieei que fosse algo importante.

“Para você, tenho todo o tempo do mundo”, respondi, caminhando apressado em direção ao portão de meu voo, onde o embarque já havia iniciado.

Desde que Holly partiu, anos antes, eu me mantive ocupado, trabalhando, viajando, sempre em movimento. O trabalho era satisfatório, mas eu ainda não tinha encontrado a resposta sobre a melhor forma de usar, por mais longo ou curto que fosse, o tempo que me restava.

Brooke, claramente se preparando para me perguntar algo importante, continuou em tom casual.

“Então, o que você está fazendo hoje?”

“Nada, só vou pegar um avião para a Malásia.”

“Ah! A Malásia é longe! Você pode me ligar quando voltar.”

Eu disse a ela que era todo ouvidos para o que quisesse me pedir.

Brooke: Bem, Vovô Urso, eu estava pensando... Você conhece o presidente, não é?

Eu: Sim...

Brooke: Que bom. Eu quero que você telefone para ele.

Eu: Ah, sim. Só preciso ligar para ele? Por quê?

Brooke: Eu quero que você diga a ele que gostaria de visitar a Casa Branca e tirar uma foto sentada no lugar dele!

Eu: Deixe-me ver se entendi direito. Você quer que eu telefone para o presidente dos Estados Unidos e diga que minha neta de sete anos quer tirar uma foto sentada à mesa dele?

Minha neta me corrigiu. “Diga a ele que eu tenho sete anos e meio.”

Eu quase disse em voz alta *Ah, claro, então será mais fácil*, mas pensei melhor.

Uma das vantagens de chegar aos sessenta anos é que já temos idade suficiente para saber como as coisas funcionam, mas ainda somos jovens o bastante para dizer: “Ora, por que não?” Então, telefonei para o presidente.

Quando voltei da Malásia, recebi um telefonema da equipe da Casa Branca, dizendo: “Venham!”

O sonho de Brooke de descobrir a sensação de se sentar à mesa do gabinete presidencial superou suas maiores expectativas. Ela e Obama se deram incrivelmente bem.

Jamais esquecerei o modo como Brooke, antes de nos despedirmos do presidente, deu uma última olhada no Salão Oval e acenou com a cabeça, como se dissesse: *Eu voltarei*.

Não tenho dúvidas.

E foi assim. Aos sete anos e meio, Brooke me deu um curso de reciclagem sobre a audácia de sonhar. Ela se permitiu *pedir* a oportunidade de testar um sonho e ver como se sentia. O sonho era grande, mas o ato de sonhar era natural para ela, tão fundamental quanto respirar. Minha neta partiu de uma proposição do tipo *um dia*: *Um dia posso ser presidente*.

Esse tipo de proposição é um princípio orientador que reforça que vivemos em um país que, pelo menos, em teoria, concedeu a cada um de nós o direito à autodeterminação — de crescer para ser, fazer e alcançar o que dita nossas aspirações mais elevadas. Acredito que essa é também a essência do que torna o sonho americano o maior produto de exportação dos Estados Unidos.

Nos últimos anos, conforme viajava para mais de oitenta países em todos os continentes (com exceção da Antártica), cheguei à conclusão definitiva de que o sonho americano se tornou global. Talvez devêssemos começar a chamá-lo de sonho universal, pois existe além do idioma, da cultura, da religião ou da política. Em minhas viagens, também vi como negligenciamos aspectos desse sonho que fizeram com que o mundo invejasse os Estados Unidos. Houve momentos em que comecei a sentir que talvez precisássemos importar de volta o maior produto de exportação norte-a-

mericano — reacender a promessa de acesso igualitário à vida, à liberdade e à procura da felicidade.

Brooke não precisava da permissão de ninguém para sonhar. Ela se concedia essa permissão. Aos sete anos e meio, seu desejo era visitar a Casa Branca, sentar-se na cadeira presidencial e ver como se sentia. E, para ela, fez sentido. Era como olhar por um telescópio de longa distância e se ver naquela imagem futura.

No ano seguinte, o foco e a seriedade de seu sonho de *um dia* ocupar o cargo mais importante do planeta só aumentaram. Em pouco tempo, minha neta começou a planejar seu roteiro para chegar à Casa Branca.

De vez em quando, eu elogiava a sua maturidade. Brooke olhava para trás, toda confiante, e concordava: “Sim, ter oito anos foi ótimo!” E, agora que completara mais um ano de vida, ela acrescentaria: “Mas nove é *excelente*.”

* * *

Ironicamente, era mais fácil levar Brooke para a Casa Branca do que encontrar tempo para sair e comprar a gaita que ela tanto queria.

Ah, minha neta estava tão animada para comprar a gaita que esse era o único presente em sua lista de Natal. Desde que meu filho Chris Jr. veio deixá-la em minha casa no dia de Ano-novo, Brooke só falava nisso. Eu já tinha encontrado a loja certa? Sabia qual comprar? Quando iríamos até lá?

É claro que eu tinha vasculhado a cidade e consultado todos os meus contatos na indústria da música antes de ser informado sobre um segredo bem guardado, uma loja discreta que atendia

principalmente profissionais e colecionadores. O único problema era que ela tinha horários estranhos e, francamente, ficava em um bairro mais estranho ainda.

“A loja abre amanhã”, expliquei a Brooke. “Tomaremos um bom café da manhã, nos agasalharemos bem, pegaremos um táxi e chegaremos assim que abrir. Combinado?”

Ela assentiu solenemente antes de acrescentar: “Acho que nem vou conseguir dormir esta noite.”

A paixão de Brooke me encantou, mesmo que ela não conseguisse me explicar de onde vinha esse novo interesse.

No passado, sempre que alguém me perguntava: “Como saberei se encontrei o caminho que me levará à felicidade?”, eu costumava mencionar o teste do sono. Se algo estimula sua imaginação a ponto de você mal conseguir esperar o sol nascer para buscá-lo, é provável que seja mais do que uma fantasia passageira. Seu sonho, seja ele grande ou pequeno, deve produzir um clique no momento em que você se der permissão para sonhar pela primeira vez — como uma chave que se encaixa em uma fechadura e abre uma porta para as possibilidades. Como sentar-se à mesa presidencial do Salão Oval da Casa Branca e experimentar uma sensação de bem-estar.

Meu palpite era de que Brooke estava sendo muito estratégica em relação ao seu aprendizado musical. Ela parecia entender que poderia se tornar proficiente muito rápido em um instrumento pequeno como uma gaita e, então, passar para instrumentos maiores e melhores. Até onde sei, minha neta não tinha inspirações ou gêneros específicos — como o blues — que pretendesse dominar.

Ocorreu-me que, de alguma forma, ela achou que seria legal sacar uma gaita e tocar.

Pensando bem, eu também!

Não importava o que havia acendido essa chama em Brooke. Tudo o que importava era que, se minha neta quisesse uma gaita, então compraríamos a melhor para ela, sem questionar — mesmo que isso significasse ter que viajar Além da Muralha.

Sim, acontece que, em toda Chicago, meu lar pelos últimos trinta anos, o único lugar onde é possível comprar a melhor gaita é essa loja de música no North Side, em um bairro que é praticamente inabitável. E é isso que quero dizer com ir Além da Muralha. Se você é fã de *Guerra dos Tronos*, como eu, conhece o mundo congelado habitado pelos Caminhantes Brancos, figuras semelhantes a zumbis, contra os quais a Patrulha da Noite precisa defender a humanidade. Se você não entender a referência, não tem problema. Tudo que precisa saber é que ninguém quer ir Além da Muralha. Definitivamente não no dia 2 de janeiro e em especial com um clima daquele.

Você pode estar pensando: *Era tão ruim assim? Você mora em Chicago, já não está acostumado com o clima?*

As respostas são: “Muito ruim” e “Não”. Às vezes, esquecemos como o frio pode ser cruel e intenso. Além disso, o serviço de meteorologia não previra qualquer tipo de precipitação, e até sugeriu que a temperatura seria mais amena do que o normal. Mas, não, no minuto em que Brooke e eu saímos do saguão do meu prédio até o táxi que já nos esperava, uma rajada de vento, carregada de gelo e neve, nos atacou como um zumbi assassino surgido do nada.

Acomodando-se no táxi, minha neta riu, ergueu as mãos protegidas por luvas grossas e as esfregou. Ri também, mas me arrependi de ter sido tão presunçoso ao me vestir. Brooke, graças ao zelo de sua mãe ao prepará-la para o clima inclemente de Chicago, estava vestida de acordo. Eu não. Por algum motivo, decidi usar um suéter com um sobretudo elegante, mas leve, e um cachecol de lã. Sem gorro, sem luvas.

Quando anunciei o endereço da loja, o taxista pareceu surpreso — ou será que era preocupação? Mesmo assim, ele não disse uma palavra ao entrar na North Wabash e seguir em direção à North Michigan Avenue, onde virou à esquerda para pegar o sentido norte. Dali, foi uma linha reta por um bom trecho, até quase os limites da cidade; depois seguimos um pouco mais a oeste e ao norte até o bairro onde poderíamos encontrar a gaita de Brooke.

Mesmo com o calor dentro do táxi, dava para ver nossas respirações.

“Isso que é inverno!”, puxei conversa. “Em plena força.”

“Que bom que não estamos caminhando!”, acrescentou Brooke.

Quanto mais avançávamos, menos gente havia na rua. Os poucos transeuntes pareciam bonecos de neve em movimento; apertavam as roupas contra o corpo e se inclinavam para a frente, com a cabeça baixa, para não serem derrubados pelo vento.

A chuva gelada e a neve pareciam grudar no chão. O taxista diminuiu a velocidade, por um bom motivo. Apesar de não dizer nada, eu queria que ele acelerasse, para talvez chegarmos mais rápido à loja e retornarmos para o calor e a segurança de casa.

Ao longo do lago, epicentro da Cidade dos Ventos, o frio é notoriamente brutal. Devido a um conjunto complexo de fatores, relacionados à latitude e longitude, bem como à direção e intensidade do vento, talvez seja o ponto mais frio da América do Norte. Pode não ser tão brutal quanto na Antártica, mas é parecido. Minha neta — que morava em Boston com a mãe a maior parte do ano — estava certa ao afirmar que era bom não estarmos andando por aí. Já fiz isso e sei bem como é. Quando o vento sopra sobre o lago em sua direção, parece que você está no Polo Norte — com a sensação de que deveria ter ficado em casa.

Com isso, só quero demonstrar que, ao contrário da previsão do tempo, esse foi um dia congelante. O tipo de dia que faz você se perguntar por que mora em Chicago.

“Vovô Urso, é aqui onde os Cubs jogam?”, perguntou Brooke, momento em que nosso taxista interrompeu e explicou que, de fato, estávamos passando por Wrigley Field.

Quando os dois começaram a discutir qual cidade tinha os fãs mais barulhentos — Chicago ou Boston —, me ocorreu que parte do motivo pelo qual evito ir Além da Muralha tem a ver com os fãs dos Cubs que comemoram vitórias e derrotas com a mesma intensidade. E essas festividades sempre envolvem álcool. Tanto é verdade que, durante, antes e depois dos jogos da temporada regular, quase todo mundo nas proximidades está embriagado em algum grau. A maioria dos jogos é realizada durante o dia na esperança de evitar a embriaguez à noite. Mas o resultado é que os fãs bebem o dia todo. Em outras palavras, você pode esperar problemas Além da Muralha.

Entretanto, quanto mais eu pensava sobre isso, talvez — apenas talvez —, em vez de encontrar problemas ou não viver algo memorável, fosse possível que Ursinha e eu estivéssemos em uma expedição ousada e emocionante.

* * *

Nós nos perdemos.

O taxista passou direto pela loja de música na Clark e teve que retornar. O tráfego diminuiu consideravelmente e quase não havia ninguém dirigindo ou caminhando com aquele frio. Nosso motorista tentou redirecionar a rota algumas vezes em seu GPS, mas o aparelho continuou nos enviando para ruas nas quais não desejávamos passar, mesmo dentro de um táxi. Não havia muito a fazer a não ser aceitar a situação.

Brooke, entusiasta de gaita e futura presidente de nove anos, percebendo que talvez eu precisasse de uma distração para não pensar que nossa aventura não tinha começado bem, decidiu usar o tempo para me fazer perguntas.

Sua linha de interrogatório favorita envolvia histórias sobre quando o pai dela era criança e a minha infância. Brooke sempre teve uma ligação especial com a bisavó, minha falecida mãe, que morreu anos antes de eu me tornar avô.

Bettye Jean Gardner Triplett — ou Mama, como eu costumava chamá-la — foi a única pessoa no mundo responsável por incutir em mim a permissão para sonhar. Filha de um meeiro de terras, nascida em Little Rock, Arkansas, e criada no coração da Louisiana, nas trevas da Grande Depressão e sob a mão pesada de Jim Crow, ela nunca teve a oportunidade de realizar os próprios

sonhos. E, no entanto, quando se tratava dos filhos, recusava-se a ser impedida de fazer todos os sacrifícios necessários para que tivéssemos as opções que lhe foram negadas. O evangelho que me fora passado por Bettye Jean era de nunca deixar que nada nem ninguém me impedisse de realizar meus sonhos e de fazer e ser tudo o que eu assim escolhesse.

Brooke se lembrou de uma história que ela não ouvia há algum tempo, da época em que eu queria tocar trompete — não muito diferente do seu desejo de aprender gaita. Os detalhes não estavam muito vívidos, então ela pediu para ouvir tudo de novo.

“Por que você queria tocar trompete, Vovô Urso?”

“Porque Miles Davis tocava trompete e eu queria ser ele.”

“Você queria tocar como ele?”

“Não, meu maior sonho, a missão de minha vida, era ser um músico de jazz de primeira linha. Não para ser como Miles, mas para ser ele.” Expliquei a Brooke que na primeira vez que ouvi um disco de Miles Davis, apenas cinco notas após meu tio deixar cair a agulha no LP, pensei que um mago havia lançado um feitiço em toda a sala.

Brooke já conhecia discos de vinil por causa do pai — meu filho, Chris Jr., ele próprio um amante da música —, mas não sabia a diferença entre 45 rpm (os discos pequenos com buracos grandes) e LPs (os discos grandes com buracos pequenos). Tive que me conter para não dizer a ela por que a nova tecnologia musical é inferior ao som da música gravada na minha época.

A última coisa que eu queria era ser um daqueles velhos que sentam na varanda e divagam: *Na minha época...* Em vez disso,

recordei a Brooke como minha mãe ficou feliz quando expressei o desejo de aprender música.

Mama moveu céus e terras para que eu conseguisse um trompete de segunda mão e aulas com o melhor professor que ela pudesse encontrar. Estudei música e teoria musical e toquei trompete por nove anos.

Contar a história para minha neta trouxe de volta aqueles dias em detalhes vívidos. Aprendi a tocar como um profissional. Aprendi a habitar a alma do jazz. Eu memorizei cada nota de cada composição de Miles Davis. Comecei até a falar como ele.

Nesse ponto da história, Brooke revirou os olhos.

“Sim, foi assim que sua bisavó reagiu também. E foi então que tivemos A Conversa.”

Minha neta me lançou um olhar interrogativo, como se dissesse *continue*.

“Sua bisavó me sentou à mesa da cozinha e disse: ‘Querido, você é muito bom nessa coisa, mas não pode ser Miles Davis. Só existe um, e ele já conseguiu essa vaga.’”

Bem, como expliquei a Brooke, isso me confundiu no início, porque minha mãe sempre me disse que eu poderia fazer e ser o que quisesse. O único porém era que eu tinha que fazer isso como Chris Gardner — não como Miles Davis. Em seguida tive que enfrentar a realidade de que, aos dezoito anos de idade, Miles estava em Nova York, tocando com Quincy Jones e Dizzy Gillespie, mudando a música para sempre. Com a mesma idade, eu estava em Milwaukee, Wisconsin, tocando com dois caras chamados Pookie

e Ray Ray. Éramos bons, mas estávamos longe de ser músicos de primeira linha. E não estávamos nem perto de mudar a música.

“Mas sabe de uma coisa, Brooke?”, falei, fazendo uma nova descoberta, “aqueles nove anos tocando trompete e querendo ser Miles me ensinaram a estar pronto quando um sonho maior surgisse”.

Brooke refletiu sobre essa nova reviravolta na história, algo que ela não tinha ouvido antes. Pude perceber em seu rosto uma pergunta despontar e ganhar vida: “Vovô, quando você era mais jovem, tinha algum outro sonho?”

“Você está de brincadeira? O tempo todo!”

O taxista riu e parou bem na frente da loja de música. “Todos sonhamos”, admitiu, endossando minha afirmação. Brooke, não muito satisfeita com minha resposta, pediu um complemento. “Mas, Vovô, que outro sonho era *importante* para você?”

A pergunta de repente me levou de volta a um ponto da minha adolescência — uma época difícil —, quando eu tinha doze até um pouco mais de treze anos. Do nada, as memórias de como aprendi a sonhar ressurgiram — caindo como a chuva e a neve do lado de fora do carro. Era algo que eu realmente tinha esquecido. Naquela época, para sair de casa, que era dominada por um padrasto violento e abusivo — muito pior do que qualquer coisa assustadora que pode acontecer Além da Muralha —, eu costumava me sentar do lado de fora da estação de ônibus Greyhound no centro de Milwaukee.

Cada detalhe ficou gravado em minhas lembranças — os enormes e chamativos ônibus Greyhound transportando passageiros, todos parecendo muito felizes por visitar lugares que, para mim,

estavam a mundos de distância. Meus tios, irmãos de minha mãe, serviram em braços distintos das forças armadas e me contavam histórias de suas viagens. A possibilidade de que um dia eu também partisse, visse o mundo e viajasse para todos aqueles lugares exóticos era um sonho contínuo que me sustentava, alimentava e me mantinha aquecido por dentro.

Na estação de ônibus, embarquei no sonho americano — nosso maior produto de exportação. E com ele veio a promessa de que eu poderia construir um futuro para mim, que me levaria mais longe do que eu conseguiria imaginar na época. Cada ônibus que partia tinha um indicador de destino no para-brisa. Memorizei os números das rotas de todos os destinos — Kansas City, Cleveland, Detroit, Saint Louis e muito mais. Os nomes de todas aquelas cidades despertavam sonhos mais vívidos e detalhados quanto mais eu imaginava visitá-las. *Um dia.*

Na maioria das vezes, eu não tinha um centavo no bolso e obviamente não podia comprar uma passagem. Mas o sonho de *um dia* ser capaz de pagar para entrar em um ônibus e partir para algum lugar diferente e novo — uau, era o máximo.

Enquanto contava a Brooke o quanto a estação Greyhound significava para mim, não consegui conter o sorriso. Desde aquele sonho, quase esquecido, de *um dia* visitar outros lugares, foram tantos dias e aventuras que eu mal conseguia contar quantos países havia visitado apenas nos últimos dez anos. Mais de oitenta?

E lá estávamos nós, em frente ao nosso destino — Além da Muralha; parecia que havíamos viajado uma eternidade em um único dia para chegar até ali. Agora, tudo o que tínhamos a fazer era comprar a gaita e voltar para casa.

Tendo feito amizade com o taxista, paguei a corrida e lhe dei US\$20 extras para manter o taxímetro rodando. Ele não pareceu muito empolgado, mas concordou em esperar.

“Quinze minutos”, prometi, e saí com Brooke, caminhando o mais rápido possível em direção à loja de música, com todo cuidado para não escorregar.

AMOSTRA

DOIS

UM DIA...



Com a cabeça baixa, fiquei atento aos nossos pés enquanto caminhávamos pela calçada congelada em direção à furtiva loja de instrumentos musicais. Depois de todo o esforço, comecei até a duvidar de sua existência. Além de uma placa desbotada contendo o nome e o endereço do prédio, obscurecido pela neve incrustada, não havia sinais nas janelas escurecidas que anunciassem o tipo de produto que vendia ou mesmo se era uma loja real. A única maneira de entrar no lugar era por um frágil conjunto de portas duplas. Quem as instalou deve ter algo contra pessoas altas.

Foi quando me dei conta de que a loja poderia estar fechada por causa do clima. O pensamento me fez olhar para trás para me certificar de que nosso motorista ainda estava esperando. Para meu alívio, o táxi estava bem ali, embora envolto em uma névoa de chuva congelante e neve. Mais tranquilo, alcancei a maçaneta

das portas duplas, já esperando que estivessem trancadas. Brooke passou por baixo do meu braço, abriu caminho e nos conduziu a uma espécie de terra encantada, de sonhos.

Depois de apenas dois ou três passos dentro da loja, Brooke e eu paramos, deslumbrados com a visão ao nosso redor. Saímos da escuridão daquele dia sombrio de inverno e mergulhamos no abraço caloroso de um espaço iluminado em tom de âmbar, lotado de instrumentos musicais, equipamentos, acessórios e muito mais. Do acústico ao elétrico e ao digital, aquela deveria ser a nave-mãe.

Examinamos o cenário à nossa frente: do chão ao teto, escada acima, havia corredores de prateleiras repletas de todos os tipos de instrumentos. Placas — com setas que apontavam para direita e esquerda — anunciavam diferentes departamentos. Uma enorme surpresa para um lugar tão discreto. Imaginei que aquela portinha deve ter sido a loja original, que foi se expandindo pelos imóveis vizinhos, nos quais os proprietários investiram em vez de fazer uma reforma externa.

Agora eu entendia por que aquele lugar foi tão recomendado. Era o Shangri-La dos instrumentos e acessórios musicais. Se Keith Richards estivesse na cidade e precisasse de uma corda de violão, iria para lá. Se Drake quisesse gravar uma sessão de freestyle, aquele era o lugar. Não era sofisticada ou esnobe, era apenas um estabelecimento que existia desde sempre, com uma atmosfera que lembrava mais um museu de instrumentos musicais. Após explorar os arredores, cheguei à conclusão de que havia instrumentos guardados a sete chaves, que nenhuma pessoa viva jamais tocou. Mas bastava pedir e alguém os mostraria a você.

Obviamente, a loja atendia a uma clientela profissional e séria, mas também a músicos mais inexperientes, que procuravam o modelo mais recente de teclado digital, conjunto de bateria ou engenhoca para criar batidas, bem como todo tipo de pickups de DJs, individuais e duplas, para clubes noturnos ou festas em casa. Eles tinham tudo para músicos da velha escola e da nova escola e o necessário para novatos parecerem experientes.

Sabe uma criança em uma loja de doces? Cara, foi assim que me senti. Fiquei em êxtase, não me contive e comecei a apontar, primeiro para um trompete top de linha, com um polimento tão brilhante que mais parecia de ouro do que de latão. Então, vi guitarras Gibson e Fender e “ah, é um amplificador Vox, Brooke! Veja como é grande!”.

Ela assentiu com admiração e espanto.

“Antigamente”, contei a ela, “se você precisasse de um amplificador, era necessário carregar um assim — grande como uma geladeira — para obter um determinado som”. Analisamos as opções mais recentes. “Veja, hoje os amplificadores podem ser do tamanho de uma torradeira e ainda é possível obter o mesmo som poderoso.”

Tudo que você pudesse imaginar estava, pelo menos, representado ali, quando não em abundância — instrumentos de corda e sopro; todos os diferentes tipos de instrumentos de percussão; teclados de todas as faixas de preço, tanto elétricos quanto acústicos; violões de todo tipo; e uma gama completa de acessórios, como arcos de violino, palhetas para saxofones e clarinetes, estantes de partitura, estojos de instrumentos, metrônomos, diapa-